

# TEMPO DE AMAR

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2020  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**SELO**  
**CONEXÃO LITERATURA**



# SUMÁRIO



## CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

- Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04**  
**Filha do fogo, por Vânia Pontes, pág. 05**  
**A derradeira mágica do grande Eugênio, por Roberto Schima, pág. 07**  
**Estações do amor, por Rose Moreira, 15**  
**Pinta do anjo, por Zoólogo Vegano, pág. 17**  
**Amor pleno, por Rose Moreira, pág. 19**  
**Para amar não tem tempo, por Liah Pego, pág. 21**  
**Eclipse, por Rozz Messias, pág. 24**  
**As extremas volubilidades do amor, por Marcus Deminco, pág. 28**  
**Abra fogo sobre a carência que você me traz, por Leandro Schmittel, pág. 34**  
**Toda vez que tu me olhas, por Rosangela Calza, pág. 36**  
**Anatomia celeste, por @comvistaparaomar, pág. 38**  
**O amor pede passagem, por Liah Pego, pág. 40**  
**Um sorriso, uma rosa e um coração, por Daniela Strassburger, pág. 44**  
**O brilho das estrelas, por SPA, pág. 49**  
**Nuvem, por Rô Carmo, pág. 51**  
**A dança dos dias, por Leandro Schmittel, pág. 55**  
**Salva-me, socorrista, por Caique de Oliveira Sobreira Cruz, pág. 57**  
**O casaco azul, por Daniela Strassburger, pág. 61**  
**Árvore, por Ariane Hidalgo, pág. 65**  
**Ígneo sentir, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 67**  
**Um espantalho para dois amantes, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 74**  
**Conheça outros títulos da coleção, pág. 79**

**Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale**  
**E-mail: ademirpascale@gmail.com**

**VISITE:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**



# INTRODUÇÃO

Numa época em que a violência e o ódio muitas vezes tenta prevalecer, seja no trânsito, no supermercado, nas escolas, no serviço ou até mesmo dentro de casa; traições, *bullying*, desrespeito... Autores criativos e apaixonados pela vida registram em palavras que o amor é mais forte e que, apesar da batalha ser dura, é ele, o amor, que deve sempre vencer para que tenhamos uma vida calma, proveitosa e plena de paz.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

1 Coríntios 13:4-7

Leia, apaixone-se e use sempre o amor em sua vida.

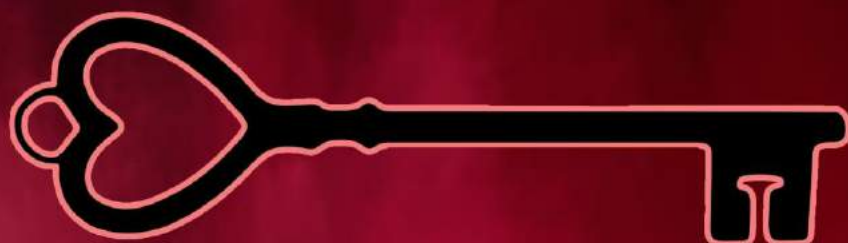
Tenha uma ótima leitura!



**Ademir Pascale - Escritor e Editor**

[www.edgarallanpoe.com.br](http://www.edgarallanpoe.com.br)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

## *Filha do Fogo*

**POR VÂNIA PONTES**

**Maria Vânia Abreu Pontes - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada, professora e gestora pedagógica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade Alencarina de Sobral-CE. Autora de coletâneas de contos e poesias.**



Acho que encontrei um anjo sagrado,  
Que em missão veio do céu apagar,  
Com gotas de chuvas a filha do fogo,  
Nas suas chamas em transe e no luar.

Sonho com seu sorriso de muitos dentes,  
Que anjo esquisito na forma humana de ser.  
Quando o vejo quero tomar banho, a Artemis,  
Que deixa a toalha cair e se entrega ao prazer.

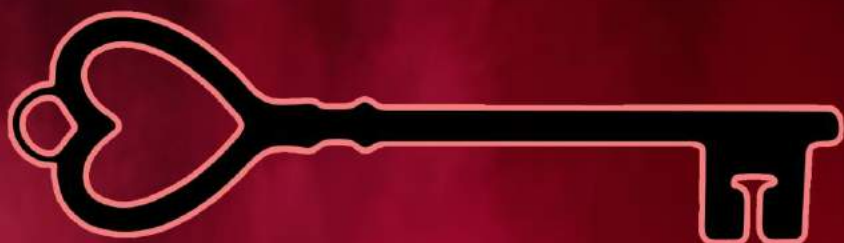
Que sede infinita este anjo me provoca na alma!  
Criatura que me inunda da água viva das criaturas.  
Como é amorosa a sua ânsia tácita e medrosa calma,  
Que me incendeia, mas transborda minhas cachoeiras.

É o anjo do alívio, da morte, do gozo e da libertação.  
Quantos segredos desperto ali próximo e dentro dele!  
Em gestos acesos dos corpos sagrados, vivo a emoção.  
De tomar a vida no jardim das paixões à flor da pele.

Sem distração, sem preguiça, amor de anjo é viçoso!  
Quando a gente se junta e começa a fazer nova poesia,  
No apego dos braços, pernas, cachos e amor amoroso.  
Anjo da sabedoria, na terra e no céu sempre me asfixia.

Teus olhos de anjo parecem ver mais longe o mistério,  
Dos territórios desconhecidos do amor já amadurecido,  
Que não dói, não tem medo de perder e me olha sério,  
Apagando minhas chamas, com pingos de vinho curtido.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

## *A derradeira mágica do grande Eugênio*

**POR ROBERTO SCHIMA**

**Sinopse:** Um mágico parisiense escreve uma longa missiva a uma mulher recentemente enviuvada a respeito de seu antigo mestre, o Grande Eugênio, o qual ela conhecera aos doze anos e por ele se apaixonara. Faz uma retrospectiva da história deste e daquilo que ele fizera em nome de um sentimento separado por um abismo de tempo e espaço.

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de várias antologias, incluindo "O Legado de Edgar Allan Poe" e "Histórias para Ler e Morrer de Medo" (ambos pela Conexão Literatura). Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

**P**aris, 17 de outubro de...  
À Madame Adelaide Delyon.

Inicialmente, ofereço-lhe meu pesar por sua perda recente. O Ilmo. Sr. Louis Albert Delyon era uma figura ilustre da sociedade francesa e, certamente, sua ausência está sendo sentida por todos aqueles que o conheceram e admiraram. Contudo, atrevo-me a dizer que, não fosse por essa trágica perda, a presente missiva jamais seria escrita. Devo-me, pois, colocar a senhora a par de minha inefreável decisão.

Embora não deva lembrar-se de mim, eu conheço a senhora e ouço falar a seu respeito há tanto tempo que ousou-me até a considerá-la uma pessoa amiga. Talvez se eu disser que fui o aprendiz do Grande Eugênio, o mágico, isso possa trazer alguma luz as suas memórias. Sim, imagino que, agora, tenho a sua atenção, ou, em outro extremo, que está prestes a rasgar esta carta. Rogo-lhe que não o faça!

Tenho trinta e um anos e somente agora começo a trilhar o caminho do sucesso. Demorou, pois a mágica, infelizmente, é uma arte que vem sido depreciada ante a profusão de quinquilharias eletrônicas e facilidades tecnológicas a distrair um público cada vez mais cético e cínico nos últimos anos.

Meu mestre cresceu na zona rural de São Paulo. Desde garoto interessava-se por mágica após ter lido sobre alguns truques em um velho almanaque. Quando atingiu a minha idade atual, costumava entreter as crianças da região. Até animava festas de aniversários. Os pequenos eram e continuam a ser a melhor platéia do mundo, pois ainda preservam seu senso de admiração e encantamento. São capazes de deslumbrar-se com o germinar de uma semente de feijão ou observar a Lua como se contemplassem o próprio mistério da vida. Uma moeda que desaparece da palma da mão causa-lhes *frisson*. Sorrisos radiosos se abrem, exclamações brotam de seus lábios e é como se sol surgisse de repente a afugentar a escuridão e o frio.

Foi numa dessas ocasiões que uma menina, que mal completara doze anos, viu, admirou-se, aplaudiu entusiasticamente e, na pureza de seu coração, apaixonou-se por meu mestre. A partir de então, não lhe saía dos pés, acompanhando-o em suas demonstrações pela pequena cidade. A princípio, deixou-o lisonjeado e, com o tempo, confuso e alarmado. Era uma mocinha linda e simpática. Mestre Eugênio, embora nutrisse uma afeição quase paternal por ela, fazia de conta que não percebia o amor que a menina lhe devotava. Eram outros tempos, não obstante certos pais entregarem suas filhas de



treze ou quatorze anos em casamentos arranjados a homens muito mais velhos. Mesmo nos dias atuais, tal relacionamento estaria longe de ser visto com bons olhos.

Certa feita, ele até fizera alusão a mim de uma antiga e belíssima canção brasileira, *Menina*, de Paulinho Nogueira. A madame conhece?

Ele estava sem saber como reagir.

Simultaneamente ao fato de não procurar encorajar a menina em seus sentimentos, relutava ante a possibilidade de jamais tornar a vê-la. Havia algo de singelo e puro naquela jovem em início de adolescência que cativavam-no. Entrementes, as pessoas começaram a falar. A princípio, apenas cochichos ou algum sorrisinho malicioso. Depois, as vozes tornaram-se mais audíveis e as expressões de desagrado mais explícitas. Então, antes que os mexericos maldosos caíssem nos ouvidos do pai da jovem e, por mais que lamentasse, Mestre Eugênio saiu do lugarejo onde vivia e foi para a cidade grande a pretexto de aprender e aperfeiçoar-se nos truques de mágica, deixando a menina para trás e todas as recordações que moldaram a sua vida até então.

Claro que a senhora sabe muito bem que essa menina chamava-se Adelaide.

Meu mestre estudou muito. Leu todos os livros que caíram-lhe nas mãos. Praticou com diferentes mágicos entre charlatães sem qualquer destreza até mestres tão bons quanto, um dia, Mestre Eugênio haveria de se tornar. Suas primeiras apresentações profissionais foram um completo desastre. Estava muito nervoso, suas mãos tremiam tanto que ele mal conseguia segurar o baralho. Foi tão ruim quanto o pior de seus instrutores iniciais. Quase desistiu. Mas o tempo e a persistência foram os melhores professores de todos. Aos poucos, adquiriu confiança e, finalmente, alcançou o almejado sucesso, agora com o título de "Grande Eugênio". Fez apresentações nas principais cidades do país, apareceu na televisão e, finalmente, partiu para o estrangeiro, deixando seu passado, suas memórias e a lembrança de uma adolescente de olhos brilhantes. Devo acrescentar que essas coisas jamais deixam a gente: carregamos com a gente, em nossa essência, alicerces que são daquilo que nos tornamos.

No exterior, Mestre Eugênio não chegou a alcançar êxito semelhante ao de sua terra natal, pois a concorrência era fortíssima e os mágicos de lá vinham de uma tradição secular. Ainda, assim, conseguiu se manter, fixando residência na França.

Quinze anos após haver deixado a zona rural, o Grande Eugênio estava se apresentando em um pequeno teatro na Rue Daguerre, nas proximidades de Les Catacombes de Paris e do Cimetière du Montparnasse. Tratava-se de um lugar mórbido

que, por si, era uma sentença de morte para qualquer artista dos palcos. A essa altura, o sucesso já se desfizera no montículo do esquecimento. O público desejava mudança, novidade, modernidade. O Grande Eugênio tornara-se pequeno e até cogitara de retornar ao seu país. Contudo, amava "A Cidade Luz". Agora, ele tinha um aprendiz a quem procuva transmitir seus conhecimentos. Sim, apesar da arte da mágica estar em pleno declínio, havia aqueles que a apreciavam. Era o meu caso. Curiosamente, conheci o mestre enquanto este se exibia a um grupo de turistas às margens do Sena, à sombra da Torre Eiffel. Uma deprimente apresentação mambembe a ganhar a vida como um artista de rua qualquer. Num sorriso entre melancólico e zombeteiro, ele me confessou ganhar mais dinheiro assim do que no palco.

Certa noite no teatro, após um espetáculo impecável, mas que, na platéia, mal havia um terço de sua capacidade, ele recebeu uma inesperada visita em seu camarim. Era a menina, ou melhor, a senhora, Madame Adelaide Delyon, a quem o destino fizera cruzar sua vida com a de um executivo francês. Contava, então, vinte e sete anos, e foi visitar o mágico acompanhada de seu noivo.

Ela acreditava haver superado seus sentimentos juvenis, afinal, era uma mulher madura, tinha um compromisso sério, formara-se em comércio exterior, falava quatro idiomas fluentemente. Nada a ver com a criança do interior, descalça no chão poeirento, deslumbrada com truques de salão. E, dentro dessa maturidade, pretendia cumprimentar um rosto conhecido que, pelas artimanhas do destino, viera parar no mesmo país e cidade de adoção. Entrementes, toda a sua lógica e raciocínio se desfez assim que o viu. Ecos do passado tornaram-se gritos em seu coração, algo que ela própria não saberia explicar. A paixão ressurgiu, agora mais forte. Aquele Eugênio que ela conhecera - um homem alto, garboso e de movimentos elegantes - havia mudado, a juventude se fora, chegaram as rugas e o grisalho nos cabelos. O olhar perdera a vivacidade e o brilho. Todavia, a senhora ainda o amava com a mesma pureza infantil da menina de doze anos. Conforme escrevi há pouco, carregamos com a gente, em nossa essência.

E, novamente, a menina - agora mulher feita - passou a procurá-lo insistentemente.

Mestre Eugênio, agora impedido menos pela diferença de idade do que pela posição em que ela ocupava na sociedade francesa e, principalmente, o comprometimento dela para com o noivo, novamente viu-se na posição de esquivar-se de Adelaide, não obstante seus próprios sentimentos.

Uma noite, ela ameaçou cometer um ato desesperado.

Mestre Eugênio, no dia seguinte, anunciou um novo e extraordinário número, seu espetáculo de despedida do mundo das mágicas. A derradeira mágica do Grande Eugênio! E sumiu de Paris.

Ele já havia conversado comigo sobre seus planos de aposentar-se, tempos antes do reencontro com a senhora. E, se tinha de desaparecer dos olhares do público, que fosse de maneira fenomenal, um número jamais tentado, destinado a fazer todo mundo lembrar dos áureos tempos da magia.

Como seu pupilo, procurei auxiliá-lo no que foi possível, contudo, a grande verdade era que eu ignorava completamente no que se constituía aquele truque. Sim, eu compreendia a maioria dos truques de mágica, as sombras, os espelhos, a fumaça, a habilidade das mãos, distrair os olhares para uma direção enquanto na outra a ilusão era realizada. Ele ensinou-me muita coisa. Mas não esse truque em particular, como seria e de que modo iria realizá-lo. Fui tão pego de surpresa quanto os demais presentes. Chegou num ponto em que ele simplesmente dispensou-me.

*"Polastron, você já sabe quase tudo o que tem a saber. Está na hora de alçar vôo com suas próprias asas."*

O número seria realizado em pleno oceano.

Sem palcos? Sem fumaça? Sem cortinas? Sem sombras? Sem alçapões?

Qualquer mágico sabia que uma grande exibição ao ar livre era o número mais arriscado possível. Não se podia controlar os elementos, as luzes, a paisagem, sequer a platéia.

Fiquei horrorizado quando, enfim, consegui saber alguns detalhes sobre o que se constituiria o espetáculo. Meu mestre iria deixar-se prender em correntes, a exemplo de Houdini, e, após, seria trancafiado em uma caixa de vidro à prova de bala. Em seguida, por meio do guindaste do navio, a caixa seria abaixada sob as águas do mar. Seria realizado à noite e, apesar dos holofotes, deu-me uma pista de que, certamente, iria aproveitar-se da escuridão para concretizar o feito. Tentei encontrar-me com ele, mas estava inacessível. Os promotores do *show* cuidaram de providenciar uma equipe de brutamontes para que o Grande Eugênio permanecesse isolado.

A apresentação não constou com uma ampla cobertura da imprensa. Não importava qual fosse o estardalhaço feito ao redor do número: a mágica grandiosa perdera seus dias de glória. Poucas foram as emissoras que se interessaram. Nenhuma das principais. Jornais idem. Azar o deles. Aqueles que puderam alugar suas lanchas, barcos e iates



presenciaram o maior espetáculo da terra, não obstante o horror que assomara seus rostos tivessem-nos levado a crer em algo completamente diverso.

Viram o Grande Eugênio destacar-se sob os holofotes no convés do navio e, depois, ser imobilizado por correntes, auxiliado por aqueles gorilas contratados. Em seguida, foi introduzido na gaiola de vidro e fechado hermeticamente. Câmeras em seu interior mostravam o mágico sob diferentes ângulos. Para que afundasse, diversos pesos de chumbo tinham sido fixados à base. Através de telões, o público observava o rosto aparentemente sereno do Mestre Eugênio, não fosse pelo leve tremor em suas pálpebras. Então, o guindaste ergueu a jaula, levou-a lateralmente e baixou às profundezas do mar.

Nunca me senti tão nervoso, nem tão impotente.

A partir dali, o Grande Eugênio procurou desvencilhar-se das correntes que o prendiam. Via-se nitidamente a sua dificuldade e nervosismo.

Repentinamente, de águas calmas sob um céu estrelado, o clima se alterou. Numa paródia oceânica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, o mar tornou-se turbulento, as águas explodiram em fúria, o navio balançou de um lado para outro, de alto para baixo, de forma ameaçadora. As tripulações e passageiros das outras embarcações sentiram o mesmo e desesperaram-se, fugiram dali. A corrente que segurava a caixa balançava feito um pêndulo.

Nos telões, o rosto do Grande Eugênio refletia o medo que o público demonstrava.

Pessoas gritavam, agitadas, clamando para que o mágico fosse içado.

Então, tragicamente, a tela se apagou.

O operador do guindaste procurou trazer o mestre de volta, travando um duelo contra o mar.

Depois de vários minutos, quando ser humano algum conseguiria sobreviver prendendo a respiração, a caixa começou a subir, todavia, o mar enfureceu-se ainda mais. Ondas maiores e mais violentas açoitaram o casco. Subitamente, a corrente partiu-se e o Grande Eugênio desapareceu nas profundezas sombrias.

Em meio a tempestade, uma onda gigante surgiu e elevou o navio até seu casco ficar quase na vertical. Em seguida, toneladas de água desabaram sobre o mesmo, afundando-o imediatamente numa explosão de espuma para horror daqueles que presenciaram.

Pouco depois, o oceano acalmou-se, as nuvens desapareceram, as estrelas surgiram no céu.

Todos os jornais anunciaram o desastre.

A jovem Adelaide desesperou-se, mas sendo mulher feita e realizada, recuperou-se da perda de uma paixão adolescente não correspondida. Casou-se com seu noivo. Tornou-se mãe. Seguiu sua vida adiante, tornando-se uma *socialite* bem sucedida e realizada.

Agora, Madame Adelaide Delyon, vem o posfácio desta missiva, o porquê de sua razão de ser.

Pouco antes do fatídico número, após Mestre Eugênio desabafar para mim a sua exasperação diante do assédio que vinha sofrendo, indaguei-lhe do porquê dele se esquivar tanto, considerando-se ser visível que os sentimentos da senhora por ele eram correspondidos. Por que ele nunca se declarou? Respondeu-me:

*"É necessário para que Adelaide possa seguir sua vida."*

*"Mas o senhor não gosta dela?"*

*"Ela é a grande paixão de minha vida, Polastron, porém, um amor impossível, desmensurado, enlouquecedor, obsceno perante a sociedade. Há o abismo de uma geração entre nós. Jamais eu cogitaria de destruir a vida dela, condenando-a a ficar ao meu lado. Sou velho e decadente. Ela será feliz com o outro mais jovem e bem sucedido."*

*"Contudo, mestre, em não fazendo conhecer o seu amor por ela, ela julgará que nunca a amou."*

*"Eis a questão. Pelo contrário, rapaz. Libertá-la de mim é a maior prova de amor que eu poderia lhe dar. Só eu sei a dor que isso me representa. Porém, pelo bem dela, devo suportá-la e ao fardo do que ela vier a pensar a meu respeito."*

Sacrificar o próprio amor foi o maior gesto do quanto ele a amava. E terminou por cantarolar:

*"... Menina*

*"Como pude te amar agora*

*"Te carreguei no colo menina*

*"Cantei pra ti dormir..."*

Por isso ele jamais se envolveu com uma mulher.

Quanto ao seu desaparecimento e do navio, o número foi de fato um grande e trágico sucesso, o qual ele não se deixou revelar. O que posso dizer é que, um dia, recebi uma carta cujo remetente identificava-se como *Merlin* e fornecia um endereço fictício. Havia somente um bilhete:

*"Então, gostou do número? Sim, agora, você já sabe tudo o que é para ser sabido. Seja feliz."*

Não estava assinada, todavia, eu bem conhecia aquela caligrafia.

O selo e o carimbo vinham do Brasil, de uma agência na capital paulista. Isso é o que de mais concreto sei de todo o ocorrido. Outro fato é que inexistiu qualquer registro em relação ao navio naufragado. Ele nunca existiu. Como o meu mestre realizou aquele feito extraordinário, nunca saberei. Até a tremenda tempestade jamais aconteceu. Teria ele, de fato, poderes mágicos? Quem sabe? Por isso, ele foi o Grande Eugênio, meu mestre. E sua derradeira mágica, em verdade, foi o maior ato de amor que eu já testemunhei em relação a alguém. Certa vez, ele falou para mim:

*"A verdadeira mágica não é aquela cujo truque não conseguimos desvendar, mas aquela da qual até intuímos o truque e, nem por isso, deixamos de nos encantar."*

E é o que tenho a dizer à senhora, Madame Adelaide Delyon.

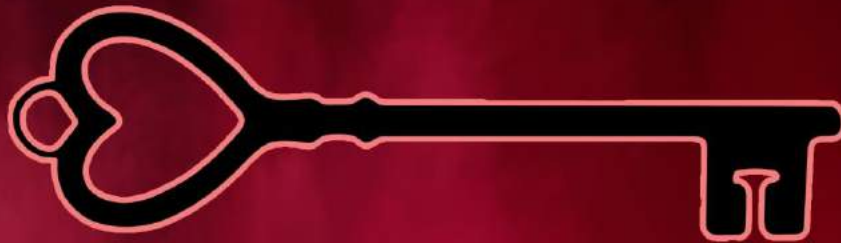
O que virá a seguir, caberá a senhora decidir.

Com meu respeito e admiração.

Jean Pierre Polastron







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Estações do Amor*

**POR ROSE MOREIRA**

Rose Moreira participou das Antologias Poetize 2020, Raízes do conhecimento e Versos sobre trilhos. Escreve desde tenra idade é estudante de sociologia. Está escrevendo seu primeiro romance.

## Estações do amor

Vejo o vento abraçar a flor, beijá-la, fazer- lhe a corte de um jeito tão sutil.

Sinto anjos góticos tocarem em minha alma e assim descubro a doçura que meu ser antiga.

Observo pontes ligando corações num amplexo profundo.

Vejo a natureza sorrir, fazendo um brinde de gratidão por ter sido criada.

Vi o sol juntar-se à lua e irradiar você.

Vi sua silhueta linda, nua, fiquei dividida entre Apolo e Hércules, talvez Castor e Pólux...

Vi o meu mundo explodir de paixão.

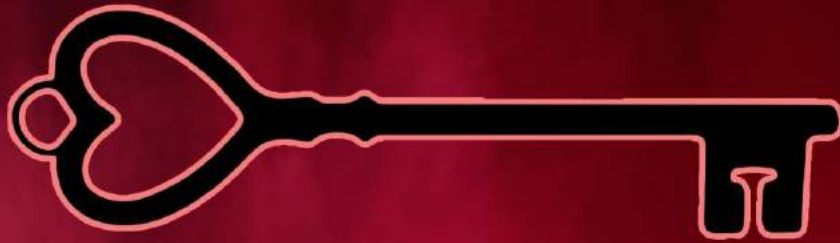
Ouvi um coro que imaginei ser celestial...

Me ajoelhei perante ao majestoso universo. Pensei ouvir um canto sacro. Não era...

Era o eco do amor gritando ao mundo: existo.

Sou o começo e nunca terei fim. Sou Alpha e Ômega dentro de ti.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

## *Pinta do Anjo*

**POR ZOÓLOGO VEGANO**

**Pedro é doutorando inscrito no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É autor do livro *Traumas e Tabus*, editor e colaborador da revista *Legendary Art Magazine* e colaborador mensal da revista *Alarums & Excursions*. Ama na mesma intensidade de odiar.**



A pinta

pinta um preto a pinta

no rosto lindo de um anjo

Pinta de arcanjo

O anjo, com a pinta, não pinta

fere meu coração vermelho seu abatimento

mas pinta, com sua pinta, meu mundo

de colorido, de sentimento

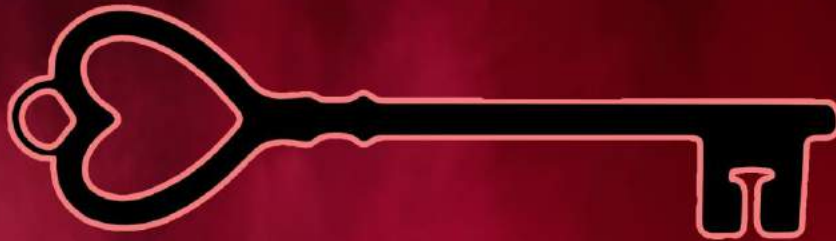
A pinta, do anjo, não é só preta

A pinta, do anjo, não é só pinta

A pinta do anjo é a pinta

A pinta que é minha e me pinta





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

# *Amor Pleno*

**POR ROSE MOREIRA**

**Rose Moreira participou das Antologias Poetize 2020, Raízes do conhecimento e Versos sobre trilhos. Escreve desde tenra idade é estudante de sociologia. Está escrevendo seu primeiro romance.**

## Amor pleno

Amo-te livremente como o voo da gaivota que abraça o céu.

O amor em mim que te ama, constrói seu esboço, deixando marcas invisíveis em minha alma, como a fonte luminosa de prazer que jorram estrelas reluzentes que colorem seu olhar... olhos castanhos.

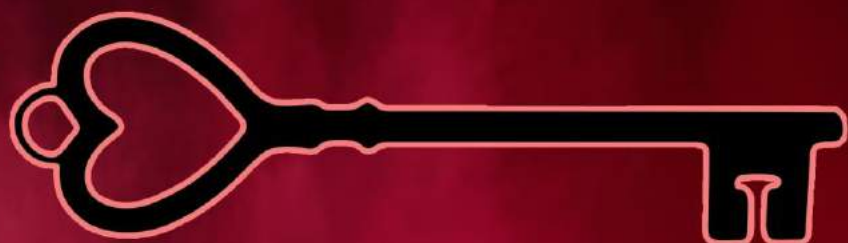
Assim como o rio sabe que seu único destino é o mar, sigo em busca dos seus lábios úmidos que fazem meu corpo e alma arderem de infinita paixão.

Um amor solar que me aquece, me faz vibrar todas as pétalas do meu ser...

Me abro em flor e em cada célula, vejo o amor, sentimento mãe de todos os meus sonhos que me preenche e me permite existir.







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Para amar não tem tempo*

**POR LIAH PEGO**

**Liah Pego, 56 anos, pedagoga, escritora, e atuou na rede de ensino público por mais de 30 anos. Natural de Água Boa - MG, reside atualmente em Curitiba.**

**Ela é casada, aposentada, possui 3 filhos. Publicou seu primeiro conto literário infantil, Baby e o lobo, que faz parte de uma coleção de 6 contos, e no momento está se aventurando em escritos poéticos e desde que começou, suas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.**

Todo tempo é tempo de amar  
Só abrir as portas do coração  
E convidar o amor para entrar  
No embalo da criança no colo

Na presença de Deus no altar  
Nas prisões, nos palacetes, nos humildes lares  
No coxo, a lamentar  
O amor não se convida

Não se vende  
Não se compra  
Se conquista.  
Precisa ser constantemente lapidado

Acarinhado, renovado  
Sempre regado  
Para não sufocar com a linha do tempo  
Nas voltas que o amor dá mundo afora

Sem paradeiro rodando até o romper da aurora  
Cumpre muito bem seu papel

De devolver glórias aos céus

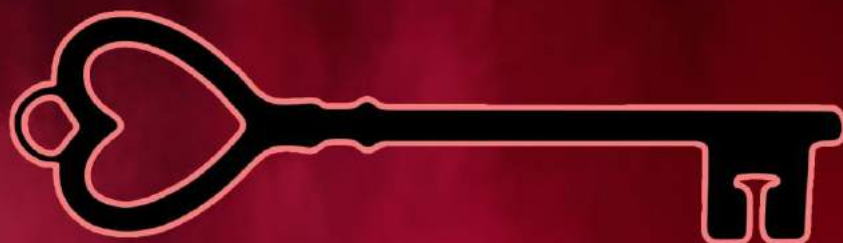
Para calar a voz do amor

Basta ouvir seu silêncio

Semear suas sementes

Colher frutos, conceder reverência.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

## *Eclipse*

**POR ROZZ MESSIAS**

É contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Entrelaçados", "Ao Seu Encontro", "Encontro com a morte", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noctívagos" e "Poetizando. Premiada duas vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, no Projeto Cordel Extraordinário. Participa de 40 antologias de contos e poesias. Organizou a trilogia "Lendas pela mundo" pela Dark Books. Organiza a Antologia de poemas "Idílico Concílio" pela Edições e Publicações.

Ela veio uma noite  
Correndo  
Estava escurecendo  
Ele ia, lindo,  
Tranquilo,  
Descendo  
Partindo  
Ambos quase esbarraram  
Tudo tremeu  
Ela irritada  
Tinha a cara fechada, zangada  
Entrou correndo, apressada  
Ele se foi, gentil  
Anoiteceu...  
Para ela a noite passa rápido  
Assim como a vida  
Não há tempo a perder...  
Para ele o dia corre rápido  
É fato  
Melhor aproveitar...

Outro dia, ele vinha  
De manhãzinha  
Ela ia,  
Cansada  
Os dois quase se encontraram  
Se olharam,  
De longe  
Ela notou os olhos calorosos dele  
Ele sorriu  
O riso mais lindo que um dia ela viu



Ela fez que não notou  
E se foi...  
Ele não deu importância  
Esqueceu aquela lembrança...

Mas novamente  
O destino entreviu  
Ele de novo a viu  
Ela sentiu um calor gostoso  
E ouviu a voz mais bela  
Que um dia existiu  
Chateada ela partiu  
Não gostando do que sentiu

Mas ele resolveu  
Ao destino admitir  
Eram mesmo diferentes  
Mas, e se de repente...  
No meio do caminho  
Acontecesse um encontro  
Sol e Lua envoltos no céu  
Ele sonhou, insistiu  
Nessa possibilidade que previu  
Ela ainda relutou  
Mas também sonhou  
Com os dois dançando  
Em meio ao céu...

Um ia e outro vinha  
Todo dia  
Até que uma noite,  
Era lua cheia

Ela brilhava absoluta no céu

Então, ele a invadiu

Acalorando seu brilho frio

Havia essência de rosas no ar

No mar as ondas eram música

Para dois corpos celestes

A disputarem o céu

A dançar

Nunca antes ninguém viu

Algo tão improvável

Jamais existiu

Sol e Lua unidos

Entrelaçados, amando

Claro e escuro

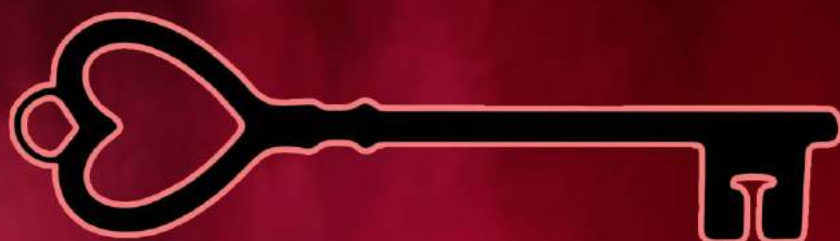
Calor e frio

Estrelas no céu a testemunhar

O eclipse que um dia

Deus permitiu!





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

# *As extremas volubilidades do amor*

**POR MARCUS DEMINCO**

**Marcus Deminco é Escritor e Psicólogo brasileiro. Especialista em Programação Neurolinguística; Doutor Honoris Causa; autor de livros em diferentes gêneros literários, traduzidos para vários idiomas e publicados em diversos países. Entre as suas obras mais conhecidas e comercializadas destacam-se:**

**'Eu & Meu Amigo DDA – Autobiografia de um Portador do Distúrbio de Déficit de Atenção'**

**'O Segredo De Clarice Lispector'**

**'Vertigo – O Suicídio de Lukas'**

Amo o amor,  
e amo toda forma que dele se descendeu

Do mais ordinário amor previsível

Ao amor do amado que se perdeu

Das sanhas do amor rancoroso

Ao recalcado amor reprimido

Dos contritos do amor pesaroso

Ao magoado amor compungido

Amo o amor abnegado

O apegado amor egoísta

A lazeira do amor minguado

E o devotado amor do sacrista

Amo o arroubo do amor prazenteiro

A vulgaridade do amor sem paixão

O avezado amor rotineiro

E o partilhado amor da comunhão

Amo o devassado amor libertino

A delicadeza do amor afetuoso

O privativo amor clandestino

E o torpe amor Indecoroso

Amo a apatia do amor sem vontade

A insensatez no amor do mundano

O impoluto amor da castidade

E a candura do amor puritano

Amo o amor conturbado

O amor platônico

E o amor imbricado

Amo o amor carismático

O amor antagônico

E o amor pragmático

Amo o irrestrito amor da vileza



A meiguice do amor carinhoso

O abrandado amor da pureza

E a volúpia do amor libidinoso

Amo o abalizado amor proibido

O luxurioso amor lascivamente

Amo a fleuma do amor comedido

E o sobejado amor abundante

Amo o tosco amor indelicado

O exíguo amor do carente

Amo o amor com a fé do cristão

E o cético amor do descrente

Amo o amor com mentira

O amor verdadeiro

E o incerto amor do talvez

Amo o amor exagerado

O amor equivalente

E o parco amor da escassez

Amo todo sentimento indefinido

Aquilo que ainda nem foi nomeado

O abafadiço amor do oprimido

E o presto amor açodado

Amo o tormentoso amor da angústia

O amor com melindres de ressentimento

O abnegado amor do altruísta

E o referto amor sem mais cabimento

Amo o efêmero amor da atração

O flertado amor da conquista

A fugacidade do amor sem intenção

E o astuto amor do vigarista

Amo o ocluso amor proibido

O arroubo no amor com prazer

O acumpliciado amor anuído

O eventual amor sem querer

Amo o divertimento do amor engraçado

O cauteloso amor precavido

O subitâneo do amor inesperado

E o desmemoriado amor do esquecido

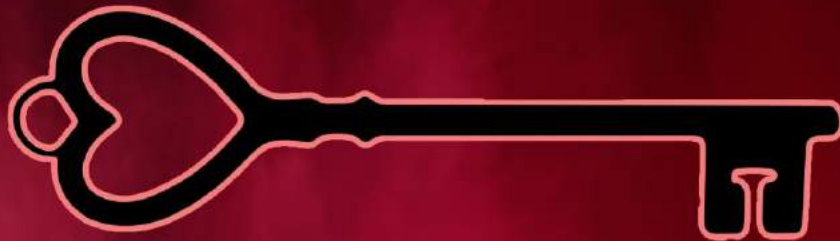
Amo o aleatório amor casual

Amo tudo que ainda se desconhece

O romantismo do amor nupcial

E o que nem mais a carne apetece





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Abra fogo sobre a carência que você me traz*

**POR LEANDRO SCHMITTEL**

Ele, um articulado desconcertado, com ampla experiência em poesia, não se sente um discurso fracassado sem voz, lhe consola a destreza em criar arte através das palavras e preencher cada rachadura do concreto com uma resistência engajada.

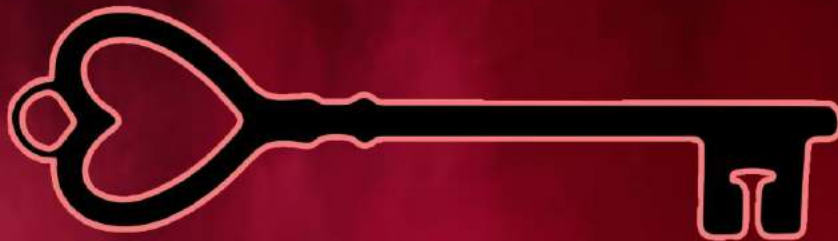
percorri noites escuras  
atrás da chuva que insistia  
em me fazer lembrar que  
talvez aquele ali não era meu lugar

andei até minhas pernas doerem  
e meus pulmões arderem  
por saber que você não vai estar lá  
pra me segurar  
caso eu caia em direção ao céu

me diz que eu vou acreditar  
prometa que essa chuva vai passar,  
mesmo que seja por falar,  
me diz que eu vou acreditar....







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Toda vez que tu me olhas*

**POR ROSANGELA CALZA**

Rosangela Calza, escritora e poetisa, faz parte do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis; da Academia de Letras de Fortaleza; do Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires; do Núcleo de Letras e Artes de Lisboa; do Civil Society Europe of Fine Arts; é Acadêmico Correspondente da Academia de Letras, Músicas, Artes, de Salvador; recebeu o título de Imortal – cadeira 153 – como membro Correspondente da Academia de Letras do Brasil/Suíça; Academia de Letras do Brasil seccional Rio Grande do Sul; Academia de Letras e Artes de Florianópolis.

O teu olhar...

O teu doce e terno olhar

a me falar...

“És na vida a minha prometida... a mais querida... a minha vida.”

O teu olhar

A se afastar tão devagar

No meu olhar a se perder

Cada vez um pouco mais...

Eu e essa minha mania de não acreditar ser possível alguém me amar.

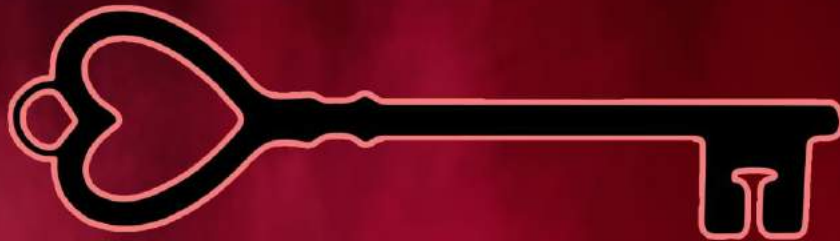
Toda vez que tu me olhas...

Eu...

Eu só quero que não pares nunca de me olhar.

Também fui machucada... mas o teu olhar... teu doce e terno olhar é um eterno bálsamo a eternamente me curar.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

## *Anatomia celeste*

**POR @COMVISTAPARAOMAR**

Nascida em uma ilha, sob o céu de escorpião, Dayane Lima Machado é da água. E acha que as palavras são como o mar: profundas e cristalinas. Por isso vive "com a vista para o mar". Vive com os olhos voltados para as palavras. Mais precisamente na poesia. Dayane escreve desde os 7, e sempre teve medo de mergulhar fundo demais nas palavras e não querer voltar a superfície. Hoje, com 25 anos, mergulha com cilindros de oxigênio. O mundo profundo das palavras a ganhou. E ela sabe que é pertencente à ele.

Nebulosas brilham no teu sorriso,  
Sistemas solares, inteiros  
orbitam e orbitam  
em volta do teu umbigo.  
Via láctea na tuas costas  
e Vênus em escorpião.  
Cometas pelas coxas e pernas.  
Sem gravidade tu flutua,  
bela pela nuca.  
Estrela Dalva,  
beija o lado oculto da lua.  
Eclipsa o desejo.  
Caronte na ponta do dedo,  
ao toque, tenro;  
quadris e cintura de asteroides.  
Mercúrio em peixes  
- jamais retrógrado -.  
Do clichê, o raio de sol.  
Constelações em pintas.  
Na palma da tua mão,  
nuvens de tinta que fazem cair  
as tempestades mais coloridas.  
Lindas! Perfumadas de tua derme.  
Dois planetas de quartzo negro  
nos teus olhos onde eu,  
astronauta solo, perco  
minha densidade corpórea  
e viro vapor.







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*O amor pede passagem*

**POR LIAH PEGO**

**Liah Pego, 56 anos, pedagoga, escritora, e atuou na rede de ensino público por mais de 30 anos. Natural de Água Boa - MG, reside atualmente em Curitiba.**

**Ela é casada, aposentada, possui 3 filhos. Publicou seu primeiro conto literário infantil, Baby e o lobo, que faz parte de uma coleção de 6 contos, e no momento está se aventurando em escritos poéticos e desde que começou, suas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.**



O amor perguntou para o tempo  
Quanto tempo ele tinha para amar  
O tempo respondeu:  
“Não existe tempo para amar  
Todo tempo é tempo

O vento que sopra-me  
E que vem de todo lugar  
Pode trazer o amor  
E nos corações depositar”.

O amor inconformado  
Com a resposta obtida  
“Bem sei que minha cor não importa  
Raça, religião, posição social também  
Então, porque negam-me passagem  
Não abrem as portas  
Quando chego de viagem?

Viajo por entre as nuvens  
Navego nas ondas do mar  
Descanso na areia da praia.

Estou nos jardins, nos parques

No banco da praça

No bar, no shopping, nas lojas

Estou no abismo, nos campos, nas florestas

Nas baladas, nas festas.

Me jogo na lama, na cama, viro trama

Corro até as janelas

Preso nas notas musicais

Brinco com as vozes

Mergulho no pensamento

Corro contra o tempo, o vento

Vou até as estrelas

Tento chegar até a lua.

Me aqueço com o calor do sol

Sufocam-me com os braços

Regam-me com beijos

Percebo que preciso saciar

Minha sede de amar.

Estou na rua, na chuva, nas calçadas

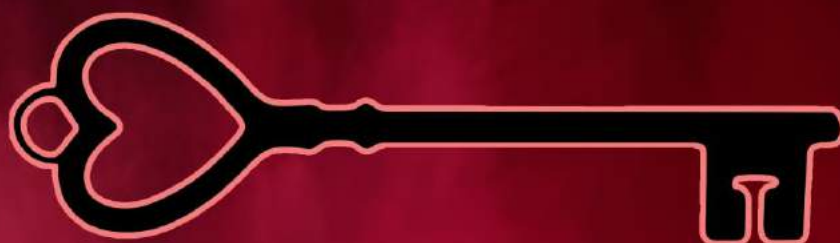
Procuro um abrigo

Alguém que me acolha  
E convide-me a pernoitar.

Caminho por estradas sem fim  
Sem tempo e hora para chegar  
Não sei onde parar  
Estou à procura de um lar.

Convido o medo para duelar  
Depois da longa batalha  
Sinto-me fatigado  
Enfim, pouso. Vou descansar...





TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO

## *Um sorriso, uma rosa e um coração*

POR DANIELA STRASSBURGER

**Sinopse:** Escrito em primeira pessoa, o conto "Um sorriso, uma rosa e um coração" trata-se de um relato em que a protagonista conta como foi que ela conheceu o amor de sua vida até o momento da despedida. Uma história muito fofa, capaz de fazer qualquer coração suspirar e se encher de esperanças. Nele, a protagonista mostra que o verdadeiro amor pode estar apenas "a uma lua de distância", e, que, se você confiar e acreditar em seus instintos, é possível, sim, ser feliz, "sonhar e conquistar" a dois.

Daniela Strassburger é leitora desde muito criança. Aos 13 anos, começou a se aventurar no mundo da escrita literária e nunca mais parou. Cresceu e formou-se na faculdade de Letras/ Literatura. Hoje em dia, atua como professora em uma escola estadual da rede pública do estado do RS. Assim como outros autores, ela também guarda muitos textos dentro de uma gaveta. Porém, continua em busca de seu sonho de ser reconhecida como escritora. Ela já tem alguns de seus textos publicados e almeja aumentar ainda mais esse número.

**E**ra uma noite de outono qualquer. Eu estava sentada na poltrona da sala assistindo pela milésima vez ao filme “*Sex and The City*”. Um filme americano, muito famoso na época, o qual minhas amigas e eu curtíamos assistir juntas. Mas, nessa noite, todas tinham um compromisso, então, eu fiquei sozinha. Eu, o meu gato, e a solidão.

Estava na metade da segunda rodada de pipocas, quando meu celular toca. Era uma mensagem de Jane, me dizendo que havia descoberto um aplicativo ótimo, para pessoas que buscavam se relacionar com outras. Ou seja, uma pessoa, assim, como eu. Após muitas tentativas dela, acabei cedendo para que Jane criasse um perfil com meu nome e minha foto. Eu sabia que ela só queria me ajudar. Aliás, ela, Eloise e Marcela. E, sabia, também, que isso não iria dar em nada, afinal, eu não era uma mulher lá grande coisa...

No dia seguinte, quando acesso meu e — mail, recebo uma chuva de mensagens de outros rapazes que demonstraram interesse em meu perfil. Entre muitos “sins e não”, houve um perfil, o qual me chamou atenção. Nele dizia: “*Em busca de alguém para sonhar e conquistar*”, e a foto de um rapaz sentado sobre uma pedra, na praia, olhando para o mar. Tão sereno... Tão tranquilo... Por alguma razão que eu desconheço, esse perfil me interessou. E mandei em particular um “oi” para ele. Três horas depois, recebo a resposta dele “Oi, linda”. Eu gostei de ele ter me respondido, e o meu interesse por ele era demais grande, mas, como fazê-lo entender que eu não era uma mulher fácil? Então...

— Oi... Puxa... Você ainda nem me conhece e já me chama de “linda”?

No que ele visualizou e respondeu:

— Eu vejo pela sua foto. Mas, tem razão, eu não deveria ser tão íntimo assim. Me desculpe... Você parece ser uma mulher interessante...

“**Yes!!!!**”

Conversa vai, conversa vem, acabou que nós trocamos nossos números de telefones. Via *whatsapp*, conversamos por horas naquele dia. Nenhum de nós dois havia se dado conta da quantidade de tempo que passamos juntos pelo telefone.

— Amanhã preciso buscar cedo um grupo de turistas no aeroporto. – Disse – me ele.

— Ah, sim... Claro... Você precisa dormir...

— Esse é o problema...

— Qual?

— Como poderei dormir, se estarei pensando em você?

Eu não acreditava que o coração poderia dar cambalhotas, mas, acredite, eu senti cada célula do meu corpo flutuando nesse momento. Seria possível? Seria possível eu ter me apaixonado instantaneamente por um homem que eu nunca vi na vida? Isso é possível? Eu não tinha tanta certeza sobre isso, mas resolvi ir adiante, para ver onde tudo iria dar.

Na manhã seguinte, verifico meu *whats* e, nele, visualizo uma mensagem esboçada por três *emojis* — um sorriso — uma rosa — e um coração, acompanhados de um singelo dizer: “*bom dia*”. E assim foi durante longos quatro anos. Todo dia eu abria o aplicativo e lá estavam os três *emojis* “um sorriso, uma rosa e um coração”, sempre acompanhados de um bilhete amoroso, que fazia eu me sentir a mulher mais linda e a mais especial de toda a face da Terra. Era fato que nos apaixonamos! Queríamos ficar juntos. Assim como era fato que a distância era um problema entre nós. Ele sempre me dizia “*Estamos apenas a uma lua de distância...*”, e eu acreditava, ou melhor, me conformava.

Nesse tempo, as pessoas que tanto desejam que eu encontrasse alguém, agora me diziam que eu deveria deixá-lo para lá. Que, provavelmente, ele era algum maníaco. Mas, eu não o via dessa forma. Nem com o meu ex, eu me sentia tão plena como quando eu estava com esse atual rapaz... Descobri que podemos saber quando as pessoas estão sendo sinceras conosco, mesmo por meio das redes sociais. Ah, sim! Nossos encontros eram muito variados, conversávamos por e-mail, pelo face, pelo insta... Mas, quando queríamos um momento de intimidade, partíamos para o telefone... Ele conhecia minha voz, e eu a dele. Porém, nunca conversamos por meio de chamada de vídeo. Eu não sou adepta a esse tipo de contato, e ele também não. Mais um quesito em que éramos parecidos! Ah! Como eu adorava isso!

Certa noite adormecemos juntos, enquanto conversávamos pelo celular. No outro dia, quando acordei, fiz o que sempre estava acostumada a fazer: verificar as mensagens dele, enquanto tomava a minha xícara de café. Porém, nessa manhã, não havia nenhum sorriso, nenhuma rosa e nem um coração... Fiquei preocupada. Mande mensagens. Liguei várias vezes, mas a ligação só caía na caixa postal.

— Calma... – Diziam as minhas amigas – De repente ele só está com muito trabalho... Você não disse que ele é guia turístico, lá na cidade dele?



Eu não conseguia responder. Naquela noite eu chorei tanto, mas tanto... Que meu peito doía de tanta dor e desespero. Em quatro anos, nós jamais havíamos ficado se quer um dia sem nos escrever ou telefonarmos. A ausência dele estava me matando. E o meu medo era descobrir que os outros todos tinham razão sobre esse relacionamento, e, que eu havia sido monstruosamente enganada! Adormeci no sofá. Podre! Entregue ao álcool. A única droga que fez eu me sentir um pouquinho menos idiota nessa noite.

O dia seguinte era sábado, acordei com a campainha da minha casa tocando. Ao tentar levantar senti uma tontura e uma forte dor de cabeça. *“Trimmm! Trimmm! Trimmm”*.

— Já vai!!! – Gritei para o insensível à minha porta.

O contrário do que vocês estão imaginando, não era o meu namorado virtual. Mas uma enorme entrega de uma caixa, feita pelo correio.

— O que é isso?

— Não sabemos, senhora. Só assina aqui, por favor.

Eu assinei e, assim que os entregadores foram embora, eu rasguei a embalagem ali na porta mesmo! Tamanha era a minha ansiedade. Minha curiosidade. Dentro dele, um vestido branco, rendado... Acompanhado de um cartão no qual se via os desenhos que vocês já sabem: um sorriso – uma rosa – e um coração... Sempre nessa ordem. Com os desenhos, os seguintes dizeres:

*“Você é uma mulher maravilhosa... A mulher mais espetacular que eu já conheci... Uma pessoa única. De alma angelical... Você é especial para mim. Eu amei adormecer ao pé do seu ouvido naquela noite... Quero poder fazer isso mais vezes com você. Mas do jeito certo. Por isso eu preciso saber: Você quer se casar comigo?”*

Minhas amigas, que participaram de todo o plano junto com ele, já estavam em frente à minha casa. Ao notarem que eu estava prestes a desmaiar, me deram apoio, me levaram para meu quarto, me ajudaram com o banho... Com o penteado... Com a maquiagem e, claro, com o vestido! Que, modéstia parte, caiu super bem em mim... Meu Deus do céu!! Vocês têm noção do tamanho da loucura que eu estava fazendo?! Eu iria me casar com um homem que eu nunca vi na minha vida! Mas que eu amava infinitamente...

As portas da igreja se abriram, e, lá na frente, diante do altar, do padre, da minha família inteira e dos meus amigos estava ele: com um belo sorriso no rosto, segurando um maravilhoso buquê de flores, pronto para entregar, para sempre, o coração dele para mim...

...

Então, meus amigos. É por isso que hoje estamos aqui. Não quero que ninguém chore a morte de Roger. Ele não queria isso... Ele era um homem muito bom. Os cinquenta anos que passei ao lado dele, foram os melhores da minha vida. Ele me deu os melhores filhos que pude desejar... Já não lembro mais da pessoa que eu era antes de conhecê-lo...

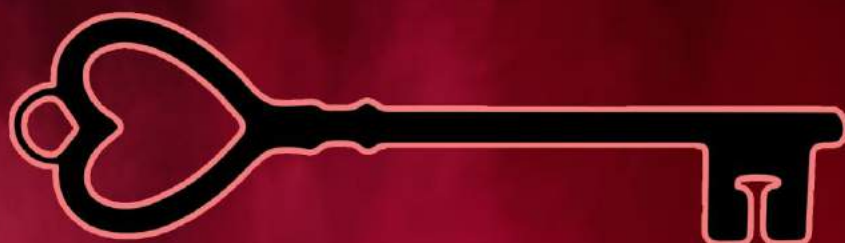
Roger, meu amor... Hoje eu estou aqui, diante de seu túmulo, contando a nossa história para todos os nossos netos, porque eles precisam saber que o amor sublime existe! Que eles busquem em nossa história a esperança de amar e serem amados tanto quanto nós dois amamos um ao outro por todos esses anos... Hoje, pela segunda vez, você se afasta de mim... Mas, ao contrário de como foi no passado, hoje irei dormir tranquila e em paz, como você tanto me pediu... Porque saberei onde encontrá-lo sempre quando desejar vê-lo...

Me perdoe, querido... Mas eu não chorarei a sua morte... Porque sei que você dedicou a sua vida inteira para me fazer sorrir, então, assim me mantereirei... E, é com este sorriso nos lábios, que eu, hoje, lhe entrego esta rosa vermelha... Só não lhe entrego o meu coração, porque você, egoistamente, levou-o junto consigo, quando decidiu ir para perto de Deus...

Eu te amo, meu amor... Ontem, hoje e para todo o sempre!

Descanse em paz...





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*O brilho das estrelas*

**POR SPA**

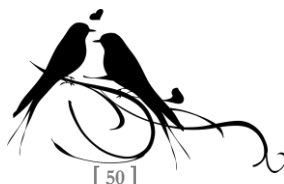
**Lucas Araújo Batista é um poeta, de São Paulo. Criador e idealizador do blog literário SPA e de uma página no Instagram de mesmo nome.**

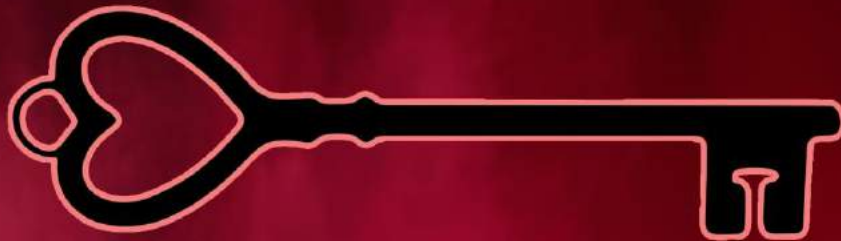
Venha menina, venha ver o brilho das estrelas  
Olhe e verá que como ti nenhuma estrela brilha  
Quero que saiba que sem ti as estrelas,  
Não seriam nada.

A noite estrelada sem ti não seria nada  
Pois, só teu brilho pode iluminar a madrugada  
Só quando vens e abres teu riso nasce a verdadeira pintura  
Só teu riso vem, sobe ao alto e acaba com as noites escuras.

Me vejo aqui sob a luz do luar  
Porém, prefiro estar sob a luz do teu olhar  
Só sob a luz do teu olhar,  
Eu posso verdadeiramente me apaixonar

Veja, tu não estás com as estrelas  
Mas tu és a mais perfeita delas  
Estrela que caiu do céu e veio alegrar minha vida  
Estrela que me inspira poesia





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

## *Nuvem*

**POR RÔ CARMO**

**Sinopse:** O conto "Nuvem" versa sobre um amor forjado em tempos de pandemia. Duas pessoas que se apaixonam virtualmente e vivem emoções ímpares, enquanto vão descobrindo afinidades e compartilhando cotidianos. Uma história de amor que começa de maneira inusitada e consegue provar o quão poderosa é a palavra, quando se trata da relação entre pessoas que procuram suas almas gêmeas.

**Rosângela do Carmo, nascida no ano de 1970, graduada em Língua e Literatura brasileiras e pós-graduada em Educação Musical. Professora na rede municipal de ensino de Belo Horizonte/MG há 26 anos, sempre pautando sua docência na crença de que a leitura é uma experiência de descoberta e libertação. Militante da literatura, possui um blog de divulgação de crônicas em língua portuguesa desde 2019.**

**T**odas as manhãs, antes mesmo do preparo do café — num ritual que se repetia já há alguns meses — ele ligava o rádio, prévia e cuidadosamente sintonizado no seu programa matinal favorito. Notícias frescas em tempos de pandemia invadiam o ambiente: política, economia, cotidiano... afinal, pouca importância dava ele à sucessão de temas; estava ali, unicamente pela voz.

Já nos breves segundos iniciais em que escutara, pela primeira vez, aquela voz vinda do rádio, sentiu-se inundado por uma sensação de aconchego. O fato é que ela soava-lhe familiar, íntima, como se a tivesse conhecido em um outro tempo e no agora; apenas atestasse seu retorno. Desse momento em diante, toda manhã tornou-se um cenário de encontros. Estabeleceu-se, entre ele e a voz — ainda que esta não soubesse — uma curiosa e diária cumplicidade.

No rádio, o programa durava uma hora apenas, no entanto, dentro da sua cabeça, a voz continuava seu caminho, sonorizando o ambiente pelo restante do dia. Invariavelmente escutava, ao acaso, uma palavra em desalinho com o cotidiano: solta, desarticulada, teimando em se fazer notar; sempre proferida com a mesma entonação peculiar tão conhecida.

Ele não saía de casa havia meses. O mercado da esquina se incumbia de entregar, em sua porta, tudo de que precisava: de gêneros de primeira necessidade até os mais inusitados acessórios. Essa facilidade tornava possível um isolamento quase total. Se para alguns, isso era um exercício de insanidade, para ele era um deleite — há muito já havia estabelecido um flerte amistoso com a solidão, e o confinamento conseguiu provar a intensidade dessa insólita relação. Antes mesmo do mundo inteiro vir-se obrigado a cumprir o distanciamento social, estabelecendo outros procedimentos para as mais simples atividades cotidianas; já ele trabalhava dias e dias sem sequer perceber a luz insinuante do sol, quintal afora. E a voz... bem, ela era sua única ligação com o mundo exterior. Ela era presença e constância; doçura e cuidado, e começava a ocupar espaços cada vez maiores dentro dele, ecoando desejos.

Na tentativa de tornar essa inusitada relação o mais próximo possível do real, ele consumia algumas horas do seu dia desenhando um rosto pra “sua” voz. Foram incontáveis rascunhos, incontáveis fracassos. Improvável adivinhar-lhe a tez, os olhos, os



lábios. Seus esboços lhe pareciam sempre equívocos inertes; um exercício relaxado e infecundo na busca por uma personificação.

Foi então que uma urgência o assaltou: precisava conhecer a dona da voz. Não saberia dizer quando essa certeza se fez absoluta. Talvez tivesse se dado em função dos últimos acontecimentos (dera pra conversar com a voz, jurando que a mesma lhe respondia com argumentos estranhamente semelhantes aos seus). Havia, nessas confusas conversas unilaterais, uma saudosa lembrança dos diálogos de outrora, pois que ele acreditava, veementemente, já se conhecerem, a voz e ele. Essa certeza alimentava um afável e inebriante sentimento de alegria.

A possibilidade de encontrá-la, que afigurava-se cada vez mais próxima, acionou um turbilhão de anseios dentro dele. Sendo um ouvinte assíduo, não foi difícil estabelecer o primeiro contato pelo rádio. Nessa vereda, sentiu-se, em verdade, estranhamente confortável ao fazer perguntas no ar, sabendo que as respostas proferidas pela voz, seriam, pela primeira vez, destinadas a ele — só a ele. Mas um caminho árduo teve que trilhar pra estabelecer uma relação pessoal com ela: dos primeiros passos nas redes sociais até o advento de uma conversa privada, passaram-se meses. Só depois de muitas mensagens e e-mails, em que os dois se desnudaram de todos os pudores e senões, veio o primeiro telefonema. Agora ele não era só mais um ouvinte, tornara-se interlocutor. Estabeleceram uma conversa, várias, tantas! A voz falava com ele, ria e cantava pra ele e enfim, ainda que pela tela do computador, tinha um rosto.

As afinidades eram muitas, as trocas tão intensas; e aquela sensação de reencontro: mútua, compartilhada. Era como se o tempo — senhor de toda convergência — tivesse deixado um recado, separando duas *personas* que deveriam estar juntas, e essas *personas* desdenhassem recado e senhor, reencontrando-se, obstinadamente. Havia uma felicidade em constatar que a impressão primeira, aquela que dizia que os dois já se conheciam, ou que pelo menos eram a resposta um para o outro do que sempre esperaram, afigurava-se uma verdade inequívoca.

O amor surgiu como um prêmio, uma recompensa pela teimosice em desafiar o destino — ou qualquer outro nome que se queira dar ao correr dos tempos.

Nas conversas que se sucederam, cabiam sonhos, desejos, esperas, espantos; quererem mil. Pequenos acordos cotidianos foram surgindo, como acontece nas vidas que andam juntas. Mantinham-se conectados desde o café da manhã até a hora da despedida

noturna. Os dias, todos eles, sem exceção, eram inaugurados com uma conversa matutina. Cada acontecimento compartilhado, como o surgimento de uma ideia ou o simples nascimento de um pezinho de manjeriço na horta, era sustento pra um amor que já era, antes mesmo de ser. A rotina de ambos se transformou. Nada acontecia sem que o outro estivesse “por perto”. As canções despertas faziam vibrar paredes e ouvidos, cruzando histórias e vivências. Em cada capítulo de vida que partilhavam um com o outro, podia-se perceber um enlace de enredos.

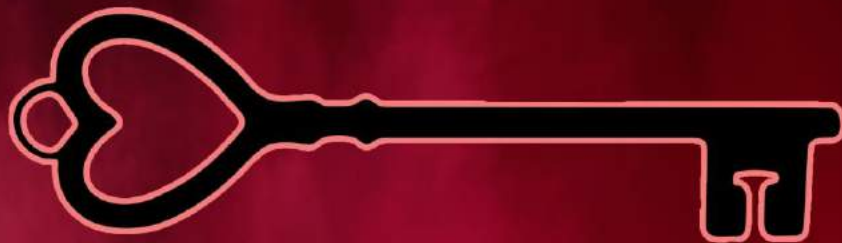
E então, o encontro real tornou-se incontida necessidade. Tudo o que o virtual podia lhes oferecer já o havia feito. Sentiam agora uma urgência na carne, uma ausência no peito. A distância doía-lhes. Cansados das conversas na “nuvem”, ansiavam pelo chão, pelo duo, pela dança...

Deu-se à noitinha, em casa dela. Os olhos dele, desacostumados de todos aqueles estímulos do caminho, ainda se demoraram a percebê-la no batente da porta de entrada. Olhares ansiosos, mãos impacientes na cintura, no pescoço; e nos gestos, um indescritível misto de pressa e vagareza, em constante revezamento.

Tateando o real, se descobriram morada um do outro.

Surpreendentemente, não se falaram. Já haviam outrora, em conversas infundas, acordado todas as palavras! Precisavam, agora, com intensidade, viver o silêncio denso dos amantes, que têm um ao outro com inédita inteireza. Desse silêncio em uníssono, brotou a música — recompondo um amor, que viajou através dos tempos, sólido e teimoso — e que os embalaria no largo daquela terna noite; quiçá, eterna.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*A dança dos dias*

**POR LEANDRO SCHMITTEL**

**Ele, um articulado desconcertado, com ampla experiência em poesia, não se sente um discurso fracassado sem voz, lhe consola a destreza em criar arte através das palavras e preencher cada rachadura do concreto com uma resistência engajada.**

Eu já te provocava, meu anjo,  
enquanto me injetava  
na sua corrente sanguínea.  
você sentada, encantada assistia

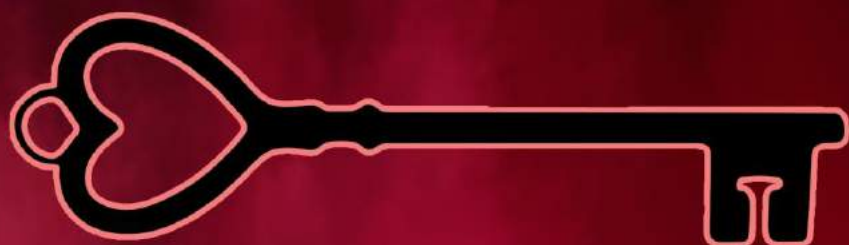
eu vi abrigo no perigo de sentimentos determinados,  
eu vi na navalha que corre radiante  
pela correnteza vermelha  
sua (falha):  
foi crer que eu não brigaria até com deuses  
para fluir na realidade certa com você...

e quando pensa em fugir  
e esconder seu coração  
íntegro por merecer,  
me lanço descalço e  
construo com doce e melódico  
um muro invisível, intransponível,  
ao redor do relógio:  
Para eu parar em você,  
e naquele verde profundo  
que nunca adormece em seus olhos  
eu possa existir,  
e ver que o mundo é seguro agora  
meu anjo...

Te lanças! Mas não te esqueça:  
Vi teu sangue correr...  
com ânsia, desejo e pureza,  
sei da tua linha, meu anjo  
teu caminho, conheço  
e por ele, me vejo.







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

## *Salva-me, socorrista*

**POR CAIQUE DE OLIVEIRA SOBREIRA CRUZ**

**Sinopse:** Este conto narra a história de um jovem rapaz chamado Vitor, que em estado de coma reencontra uma velha amiga num ambiente esteticamente fantástico e desabafa sobre as suas dores amorosas, recebendo dela valiosos conselhos que podem salvá-lo.

**Caique de Oliveira Sobreira Cruz, nascido em 15/08/1994 na cidade de Salvador/BA, graduado em Direito pela Universidade Católica do Salvador, advogado trabalhista, Pós-Graduando em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá. Escritor em diversos sites e blogs sobre temas variados como: economia, política, história, sociologia, literatura e etc. Autor do artigo "A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo" publicado pela Revista de Estudos Latino-Americanos na edição de 2018, volume 8, p.426-461. Autor do conto: "A inominável personificação da Literatura" publicado nas Revistas: LiteraLivre 20º Edição e na Conexão Literatura de Abril de 2020.**

**U**m jovem rapaz, desorientado e sem direção, circulava pelos cantos na manhã do primeiro dia do ano e acabou tendo como destino um cenário apoteótico, diria o narrador. Encontrando uma amiga sentada em umas rochas mais velhas que o próprio espaço-tempo, o desgaste delas era notório, mas, também, revelava uma beleza singular, pois não havia tantas outras tão longínquas temporalmente falando. O dito era tão verídico que os ventos faziam revoar areias decompostas que pairavam em cima das pedras, informando aos presentes que os processos inorgânicos já estavam em etapas avançadas.

Além da estonteante moça e das arcaicas rochas, encontravam-se mais quatro pessoas no recinto, que se banhavam em águas que pareciam lindas ao cair da enorme cachoeira, límpidas, mas que ao chegar ao solo, já estavam coradas em marrom. Alguns diriam que tal fenômeno seria apenas efeito dos reflexos solares, pois a imprescindível estrela branca travestida de laranja e mais outras tonalidades, a exuberante per si, estava de rachar o couro, porquanto, também, iluminava tudo em volta com as mais potentes luzes que colocavam em cheque até mesmo os mais preparados dos cones, fazendo crer a falta de fotopigmentos e dificultando as conhecidas transformações químicas das recepções imagéticas. A grande verdade é que deveriam estar realmente sujas, mas pouco importa, a diversão é o crucial. O garoto, tímido e acanhado, resolve tentar romper as suas barreiras de personalidade e dirigir o elóquio para aquela que tomava toda a sua atenção.

— Olá, boa tarde, senhorita. Lembra de mim? Estudamos juntos à época do colegial. O que fazes aqui neste lindo ambiente sozinha?

— Oi, Vitor, lembro sim, tenho boa memória. Mas, não estou sozinha, não percebeste que tem mais quatro pessoas lá na água? E muitas outras espalhadas pelos caminhos que o trouxeram até aqui? — Perguntou ela intrigada.

— Ah, é mesmo, tem muito mais pessoas por aqui. Sua percepção sempre foi melhor que a minha, mas a verdade é que você deteve toda a minha atenção, está belíssima, não consegui visualizar os demais, eu me perdi novamente no seu extremo carisma, talvez, pela milésima vez, ou mais, você deve saber melhor do que eu já que pelo oposto, a minha memória sempre foi ridícula. — Respondeu Vitor.



— Seu besta! Está me deixando sem jeito. Eu estou aqui contemplando a natureza. Mas e você, que realmente está vagando sozinho, o que fazes aqui? Você sempre odiou sair de casa, preferia livros à realidade concreta. — Perguntou envergonhada.

— É que estou tentando mudar um pouco, preciso espairecer, algumas consequências me foram dadas pelo destino. Meu relacionamento com a Júlia terminou, em boa medida, por meus erros, agora quero retomar a minha vida e viver o presente, mas ainda não sei como fazê-lo, estou lutando contra o futuro e o passado. Se me permite a licença da indelicadeza, posso sentar ao seu lado para papearmos? Não leve isto como uma atitude de um galanteador, já que você não me dá audiência faz exatos 10 anos, sei que somos apenas conhecidos e, talvez, futuramente, amigos. — Disse Vitor receoso.

— Tudo bem, amigo, já que entende os limites da nossa relação, pode sentar-se e desabafar comigo, diga-me quais males que lhe afligem, o que andas fazendo da vida e tudo o mais que lhe for interessante comentar.

Os dois começaram a conversar, mas, Vitor, nem parecia prestar atenção no que ela dizia, ele só conseguia enxergar as suas mexidas no cabelo que brilhava e tinha fios mais dourados que os raios do sol no processo de dispersão ao penetrarem na Terra. Aos incautos, estas questões materiais poderiam representar obviamente a vasta produção de neurotransmissores como a dopamina e a endorfina, ou em última instância, a feniletilamina, não precisariam de nenhuma ressonância magnética funcional para constatarem que ele estaria apaixonado pela moça, teria enamorado daquela que naquele instante havia florescido apenas em vinte e quatro primaveras. Mas, o ponto não era exatamente este, o jovem era muito poético, então, imaginava ali uma poesia, não mais que isto, esta era a razão para tanto deslumbre pelo cenário que antecedia as ações dela.

— Eu estou com vinte e cinco anos, formei-me em filosofia, namorei anos e hoje em dia estou dentro duma tristeza profunda. Bom, estas são as minhas novidades. E tu, o que fizestes em todo este tempo que não nos encontrávamos? — Perguntou Vitor.

— Estou fazendo medicina, quero trabalhar salvando vidas, este é o meu sonho. Atualmente estou estagiando como pediatra e, também, na SAMU. Aprofunde-se mais sobre a suas dores atuais. — Comentou a moça.

— Eu já imaginava que estaria nesta área. Certa feita estava em meu carro e lhe vi de longe descendo toda plena de uma ambulância, para salvar mais uma vida em um acidente de trânsito. Aquela cena ficou marcada na minha cabeça, parecia um momento heroico, em verdade, acredito que você seja a verdadeira heroína da nossa sociedade e não aqueles que perfuram as Eternit nas comunidades da cidade, levando mais pessoas feridas do que salvas para vocês. Mas, agora que sei o que fazes, posso lhe denominar com o apelido carinhoso de Socorrista? — Risos — Perguntou o rapaz.

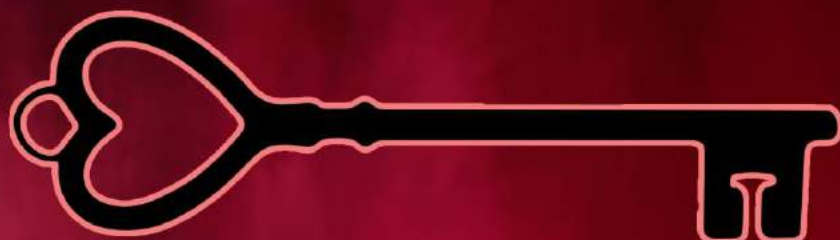
— Pode sim, Vitor, chame-me do que achar melhor, mas pare de enrolar e adentre logo ao assunto, conte já o que está lhe deixando com esta aparência de personagem mal-acabado de série de zumbi, cheio de olheiras, olhos vermelhos tomados por irritações e semblante facial de derrotado. — Disse a Socorrista com tons de impaciência.

— Estou mesmo fugindo do tema, pois me causa muita angustia, o que aconteceu foi que o meu ex-sogro, o velho ancião, tinha razão, os indivíduos de guerra não tem sentimentos e não podem triunfar dos hábitos produzidos pelas desgraças do seu ambiente ou pelos azares trazidos da sua vida aventureira. Fui para Júlia aquilo que eu creditava aos autoritários reis dos séculos passados. E agora que ela me deixou, não sei mais como voltar a viver de verdade, a mágoa me assola completamente. — Afirmou Vitor.

— Tenho a resposta para isto, meu caro, ela está diante de ti, nesta linda natureza, apenas ela pode lhe salvar, sint-a dentro de ti, como eu faço todos os dias. Conecte-se com ela e com os animais e encontrará o caminho para sair do túnel. — Falou a Socorrista.

Vitor respirou fundo, fechou os olhos e começou a sentir a forte presença de vida na natureza, isto fez com que ele esboçasse um leve sorriso e pudesse estar vivendo mais do que sobrevivendo. O grande problema foi que ele acordou de seu desmaio e estava deitado numa maca, com a “Socorrista” aplicando o desfibrilador contra os seus peitos, ele havia sofrido um grave acidente de trânsito e acabara de ser reanimado pela sua amiga, por intermédio das correntes elétricas. Ele prontamente agradeceu a ela por ter salvo a sua vida e pelos ótimos conselhos sobre como se sentir bem em conjunto com a natureza. Evidentemente, a tal da “Socorrista” não compreendeu absolutamente nada, achou que ele delirava sobre os conselhos e que estava apenas tentando agradecer pela SAMU tê-lo socorrido a tempo. Ao ser colocado para dentro da ambulância, Vitor exclamou:

— Salva-me, socorrista! Tu e a natureza!



**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

## *O casaco azul*

**POR DANIELA STRASSBURGER**

**Sinopse:** Quem não guarda uma recordação dos tempos de flertes ou até mesmo do namoro? Quem nunca brigou com parceiro, arrumou as malas e se arrependeu depois? Nesse conto, você irá assistir a vida de um casal, cujo amor entre eles parece ser um tanto turbulento. Para alguns, impossível de ser vivido. Para o casal, só mais um dia de rotina... Um texto que fala sobre amor, amizade em tempos de escola, orgulho e redenção.

Daniela Strassburger é leitora desde muito criança. Aos 13 anos, começou a se aventurar no mundo da escrita literária e nunca mais parou. Cresceu e formou -se na faculdade de Letras/ Literatura. Hoje em dia, atua como professora em uma escola estadual da rede pública do estado do RS. Assim como outros autores, ela também guarda muitos textos dentro de uma gaveta. Porém, continua em busca de seu sonho de ser reconhecida como escritora. Ela já tem alguns de seus textos publicados e almeja aumentar ainda mais esse número.

**A**briga foi feia. Naquele momento ela colocou para fora, para quem quisesse ver e ouvir todas as suas dores, todas as suas angústias. Todo o sofrimento que passou vivendo ao lado daquele “troglodita”, como ela própria o adjectivou. Da parte dele não foi diferente. Há funcionários e clientes do restaurante, que comentam que a ira do marido foi tão grande que foi preciso segurá-lo para não ser necessário ligar para a Maria da Penha.

— Pois eu nunca mais quero olhar para a sua cara novamente! — Dizia ela, já em casa, arrumando suas roupas para partir.

— Eu que pretendo nunca mais andar por onde você pisa! — Retrucava ele.

O fim, que há muito andava próximo, chegou. Separaram-se. Nem um “adeus”, nem um “cuide-se”. Nada. Apenas o som estrondoso da porta se fechando em meio aos dois.

— Foi uma legítima quarta — feira “de cinzas”... — Cochichou a vizinha do casal.

Na sexta-feira, o telefone do homem toca e, do outro lado da linha, uma voz feminina muito conhecida por ele.

— Alô... — Atende o ex-marido sem animação.

— Alô... Sou eu... — Responde a ex com pouca vontade de falar-lhe.

— Eu vi...

— Olha... — Começa ela — O que tenho para dizer é breve. Incomodo?

— De maneira alguma — Diz o homem jogando a língua pro telefone.

— Hoje à tarde não fui trabalhar. Pedi dispensa para ficar no “apê” organizando minhas malas.

— Sim... Respondia ele, dando-lhe pouca importância.

— E... Ao abrir uma das malas, percebi que eu trouxe junto algo que é seu.

— Hã...

— Um casaco.

— Casaco... Casaco... Não senti falta de nenhum casaco. Tem certeza de que ele é meu?

— Claro que é seu! Está insinuando que eu tenho algum amante?!

— Não... Não... De maneira alguma... — Pronunciava ele com desdém.

Ela respira fundo e continua. *“Paciência. Com ele sempre foi necessário exercer a paciência”.*

— Trata-se de um casaco azul.

— Casaco azul... Azul... Azul... Casaco... Não... Estou lembrado, não.

Ela bufava do outro lado da linha. Era óbvio que ele sabia de qual casaco ela estava falando. Estava fazendo isso só para irritá-la. Ele sempre foi assim. Sempre gostou de vê-la irritada.

— Lembra-se daquele casaco azul que você esqueceu uma vez na escola? Quando estudávamos no segundo ano? É daquele casaco que estou falando.

— Ah... Claro... Agora eu me lembro... — Respondeu o camarada – Eu achei que o havia perdido, mas não. Você o encontrou debaixo da classe...

— É... Levei-o para casa... E lhe devolvi no outro dia... Está lembrado?

— Você entrou na sala vestida com ele.

— (*Risos*) E você veio correndo abraçar-me agradecido.

— Na verdade aquilo foi um pretexto para te abraçar.

— Eu sei... – Ela sente um calor subindo pelo rosto — E eu gostei...

— Eu sei... – Riu ele convencido.

— Cheiroso... — Ele estava... Passei a tarde toda sentindo o seu perfume no dia anterior...

— Por isso que você me pediu para levá-lo embora de novo?

— Claro... – Sorria ela.

— Danadinha... Ele brincava.

— Na *Oktoberfest*, quando você me pediu em namoro, estava usando este casaco.

Lembra?

— Bah... Não me lembro... Mas se você está dizendo...

— Como você pode não se lembrar deste casaco? Era o seu preferido...

— Você o usou tanto que até pensei que ele não existia mais ou que tivesse doado para alguém quando nos casamos.

— Não... Deixei-o guardado junto com os meus. Um dia ele me seria útil...

— Ah...

— Sabe por que eu gostava de usá-lo? Porque ele era quentinho... Lembrava-me do calor de seu corpo...

— Hum...

— Dooooiiiiss...

Brincaram os dois.

— Vou lhe confessar: ele não era meu preferido, eu preferia o que havia dentro...

Ela morde os lábios, embaraçada.

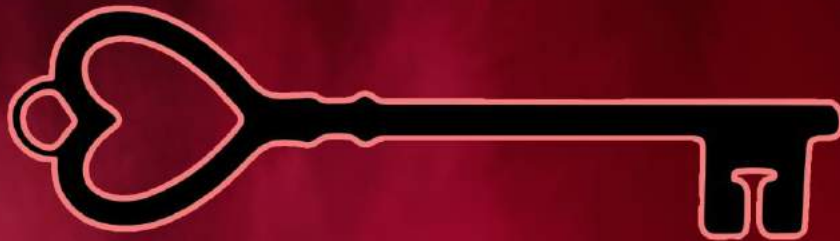
— Então... Em relação ao casaco, eu quero saber se...

— A que horas eu passo aí para te buscar?

— Às oito está perfeito!







**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Amore*

**POR ARIANE HIDALGO**

**Curitibana, mestranda em Teoria Literária, graduada em Letras. Apaixonada por literatura, sua linha de pesquisa é Literatura e Intermedialidade. Interessada em estudos literários contemporâneos, atualmente, estuda a obra da carioca Adriana Lisboa, em especial, o diálogo da prosa *Um beijo de colombina* (2003) com as outras mídias. Volta e meia se aventura na escrita de poemas, participa ativamente de clubes de leitura, adora filmes, Manuel Bandeira e rock and roll.**

Você sempre quebra meus galhos

Daqui e dali

E de galho em galho

Quase constrói-se uma árvore, ou melhor, uma casa ou um monte de lenhas

Portanto, nada mais justo

Que usarmos um pouco desses galhos,

Que serão matéria-prima para a celulose,

Que por sua vez, extraídos de tantas outras árvores

Seja usado para ampliar os seus, e os nossos galhos

Transformando-os tanto, a ponto de virarem raízes

(da alma...)

E, assim, modificando-se em verdadeiros troncos

Com galhos frondosos, folhas vibrantes e raiz profunda,

Que de tão profunda transforma palavras em saber,

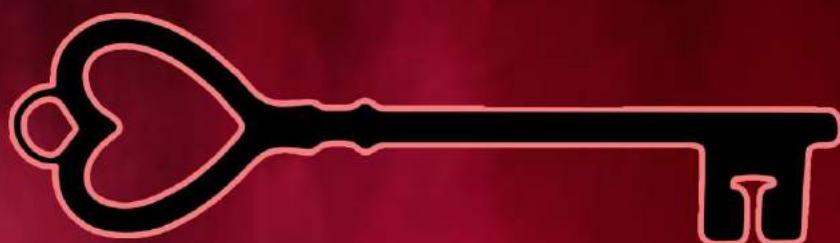
Acesso e poder.

Perdoe-me, Senhora árvore,

Mas essas páginas, essas ricas páginas já têm dono.

E este dono tem muita sede em aprender.





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O POEMA**

*Ígneo sentir*

**POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA**

**Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP.**

Silente anoitecer,  
em luar romantizado,  
estrelas vão dizer,  
que o amor é abençoado.

Ternura em corações,  
que se doam em doces beijos,  
sublimes emoções,  
vão criar ígneos desejos.

Voluptuosos sentimentos,  
inspirando a felicidade,  
abraços a contento,  
vão despertar a sensualidade.

Os corpos em sedução,  
irão sentir a arritmia,  
vontades e sofreguidão;  
a concupiscência afluía.

Almas se despindo,  
da timidez e do pudor,  
o sexo entreabrindo,  
a penetração do esplendor.

Corpos nus,  
hormônios explodindo,  
excitação que conduz,  
erotização dos sentidos.

Beijos ardentes,  
em erógenos corações,

mentes condescendentes,  
interagindo fortes emoções.

Âmago sexual selvagem,  
no amor consentido,  
palavrões em mensagem,  
recrescendo a libido.

Amantes ofegantes;  
sôfregas de primícias!  
Frenesi extasiante,  
anuindo tórridas carícias!

Júbilos inefáveis!  
Paixões inolvidáveis!  
Estrelas a rutilar,  
anseios no pulsar!

Ígneas vontades,  
marchetam o prazer;  
sustando puridades,  
em eclosões a acontecer!

Espíritos emotivos,  
em inebriante sinergia;  
congraçando seus sentidos;  
comungando arritmias!

Apetecidas vidas despidas,  
de repressões e de pudor;  
em mãos bem atrevidas,  
e com beijos em furor!

Profusas sensações,  
em cálidas mentes!  
Imensuráveis emoções,  
em almas condescendentes!

Hormônios em ardor,  
explodindo deleites!  
O tempo em estupor,  
verá que o sexo é prevalente!

Nudez libertina,  
incitando o saciar!  
O afã não procrastina,  
a vontade de se amar!

Peles que exalam,  
fragrância afrodisíaca!  
Sôfregos corpos que exaltam,  
dedos em toques de ousadia!

Ofegante simbiose,  
de posições em simetria!  
Ebúrneos seios em apoteose,  
sugados sem revelia!

Sussurros lascivos!  
Murmúrios libidinosos!  
Sentidos robustecidos,  
em corações amorosos!

Mamilos intumescidos,  
mordiscados pela sedução!  
Beneplácito recrescido,



nas preliminares em atração!

Sexos lubrificados,  
em corpos ardentes!  
Inexistência de pecados!  
É o amor resplandecente!

A díade interagindo,  
autenticidade de sentidos!  
Tabus sendo vencidos,  
por desejos remitidos!

Sensualismo degustado,  
por seres em lubricidade!  
O carinho é consagrado,  
no êxtase em privacidade!

Vulva em sensibilidade tórrida,  
umedecida pelo néctar puro!  
Fálus em estado túmido,  
erigido sem a vergonha acólita!

Fantasias concupiscentes,  
atraindo o coito bucal;  
extasiando vidas ferventes,  
em reciprocidade sexual!

Peles suadas,  
odor afrodisíaco,  
bocas inspiradas,  
a sugar o indescritível!

Corpos devassados,

por inflamada felação!  
Lábios magnetizados,  
pelas bocas em sucção

Olhares interligados,  
luzindo arrebatamento!  
Instantes eternizados,  
na introdução ao firmamento!

Almas em enlevo!  
Súplicas em espontaneidade!  
A penetração é o anseio,  
em corpos em voluptuosidade!

Âmagos adentrados,  
em cópulas viscerais!  
Palavrões apaixonados,  
excitando mais e mais!

Almas em lubricidade;  
adentrando a portais,  
prazeres sem castidade,  
em volúpias carnavais!

Movimentos frenéticos,  
em corpos energizados!  
Gemidos apopléticos,  
nos orgasmos alcançados!

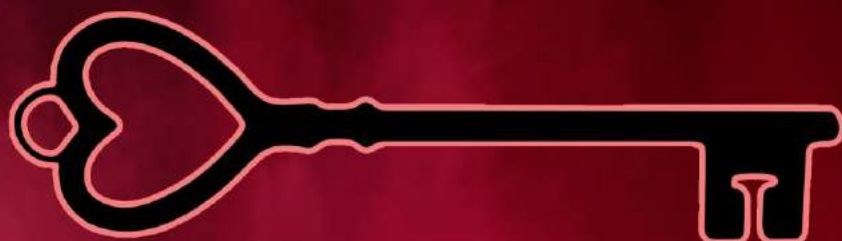
Ímpetos arrefecidos,  
por músculos fatigados!  
O amor é aplaudido,  
pela liberdade de apaixonados!

Corpos extenuados,  
por prazeres sexuais,  
o amor foi entronizado,  
por encantos magistras!

Ah! O amor!  
Onde muitíssimos são os que amam!  
E pouquíssimos os que sabem amar!  
Os corações em amor não se enganam,  
nem o tempo consegue lhe quebrantar!  
Pois, só o tempo pode entender,  
e compreender o apaixonar!

Ah! O amor!  
Em que dele falar é fascinante!  
Mas que o seu praticar é que é relevante!  
É a boa semente para um mundo melhor!  
É o casto que produz um sentimento maior!





**TEMPO DE AMAR APRESENTA O CONTO**

# *Um espantalho para dois amantes*

**POR GILSON SALOMÃO PESSÔA**

**Sinopse: Um amor proibido entre um tropeiro e uma filha de fazendeiro que recebe uma ajuda muito inusitada de um espantalho...**

**Escritor com dois livros publicados (um de prosa e um de poesia) e colunista em sites como A RevistaK7 ([www.revistak7.com.br](http://www.revistak7.com.br)) e da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>)**

**T**enório cresceu sonhando em ser tropeiro. Herdou o gosto pela profissão do pai e quando este saía de viagem, ele se pendurava na janela e ficava esperando a última mula sumir no horizonte. Pensava nas aventuras, nas pessoas em que ele encontraria no caminho. “Será que ele toparia com uma onça? Daria cabo dela com o velho facão que trazia no alforje? E se encontrasse uma tropa de jagunços impiedosos? Sua mãe não gostava de ouvir esse tipo de ponderações, apesar de todas elas terminarem com o pai dele derrotando qualquer tipo de perigos que porventura enfrentasse... para a criança sonhadora que vivia numa casa isolada do mundo, Seu Francisco podia mais que tudo no sertão. Veio o tempo, sem perdão nem cura, desmentir essa acreditação.... Quem era menino virou rapaz e quem já era crescido ficou velho. O agora Velho Chico foi pras graças do céu sereno em cama de Jacarandá amanhecido. Sua mulher não se aguentou de solidão e o acompanhou meses depois. Nesses tempos de acontecimento Tenório já tinha caído na estrada faz tempo, tendo herdado a tropa de mulas do pai, que já não era mais jovem também, fato esse que gerou mais uma reviravolta na vida do desafortunado: aquele que sonhava ser tropeiro virou mascate em função das circunstâncias. Arrumou uma clientela regular e logo cedo já ganhava seu “ordenado fixo”. Certa feita andava ele com seus dois burros pelas cercanias da “Fazenda Rosa dos Ventos”, do Coronel Técio, a caminho da “Fazenda Pena Branca” (onde encontraria Seu Rochedo, um conhecido freguês), quando avistou algo inédito: uma jovem de sua idade passeando ao longe. Se encantou profundamente, perdendo noção de tempo e espaço. Tinha que falar com ela de qualquer maneira. O grande problema era a pequena cerca que os separava. Metros de arame farpado que serviam como um abismo dividindo dois universos. Profundamente arrasado, seguiu caminho tentando esquecer o incidente. Chegando em terras gentis foi bem recebido e depois de umas cachaças, comentou o incidente com o amigo. Este, ao ouvir a descrição da formosa dama, a reconheceu ficando pálido como gesso. Tenório não entendeu e o velho explicou que ela era filha do Coronel Técio Cascalho, homem temido nas redondezas. O mascate conhecia sua fama. Sempre passava rezando pelas bandas do mesmo. Mas não tirava aquela visão da cabeça. Seu Rochedo ainda acrescentou que a moça estaria prometida a um médico da capital, que a visitava nas férias. Tenório a princípio considerou sua própria segurança, mas por outro lado aquela mulher não abandonava seus pensamentos. Era como um sonho tão doce e puro que dar as costas e esquecer toda aquela experiência maravilhosa seria uma

infidelidade com seus próprios sentimentos... O que fazer, então? Como penetrar em território inimigo, se declarar e sair vivo com a mulher amada nos braços? Valeria a pena a pena passar por todos esses percalços pelo doce sabor de sua companhia? Lembrou-se então mais uma vez de sua cabeleira negra valsando ao vento e o vestido de renda branca que parecia ter sido costurado com contas de lágrimas de estrelas tristes. Ainda bêbado da pinga que havia tomado naquela noite, o mascate foi tomado de uma coragem de cem jagunços e decidiu ir marchando em direção à fazenda de onde provavelmente não retornaria. Chegou em frente à cerca de arame farpado e ficou a observando por algum tempo, tentando se manter em pé e ao mesmo tempo pensando em uma forma de ultrapassar o referido obstáculo. Foi aí que o destino interferiu. Uma onça pintada saltou em sua direção, mas tomou um tiro vindo do escuro. O animal tombou no ar e caiu em cima da cerca, tombando um trecho da mesma no chão. Tenório, surpreso, não entendeu nada. Um vulto surgiu do breu, com uma capa de couro parda casualmente jogada por cima das costas e um chapéu enorme que cobria grande parte do seu rosto. O homem misterioso era um caçador chamado Elias e procurava a besta que havia devorado seu pai na sua frente quando ele era criança. Um traço característico a distinguia das demais porque, antes de morrer ele enfiou um espeto no seu olho esquerdo. Após uma breve análise, concluiu que sua busca ainda não havia terminado e sumiu na escuridão, amargurado.... A emoção foi tanta que o jovem apaixonado acabou ficando sóbrio no meio daquilo tudo. Foi avançando com calma dentro do território inimigo no meio do escuro e de repente ouviu latidos. Dois mastins gigantesco avançavam em sua direção e ele procurou subir na primeira coisa que avistou: o mastro que sustentava o espantalho. Os cachorros não o acharam porque consideraram mais divertido se alimentar com a carcaça da onça em cima da cerca. Por outro lado não abandonaram o local de maneira alguma. A madrugada foi terminando, o dia chegando e Tenório percebeu que era mais conveniente no momento vestir as roupas do espantalho por cima das suas. Os homens de Seu Tício consertaram a cerca de manhã cedinho, quando os cachorros foram presos. O mascate “saiu de seu posto” no início da tarde e começou a procurar pela mulher que tinha mudado sua vida e o colocado naquela estranha condição. A encontrou rezando serena em frente a um oratório que ficava na beira de um riacho. Ao avistá-lo não deu nenhum grito, mas começou a fazer o sinal-da-cruz repetidamente, gesto esse que lhe renderia um apelido carinhoso anos mais tarde. Ele se apresentou, explicou sua situação e pediu para passar apenas algumas horas ao lado dela, saber seu nome talvez, para ter alguém a quem



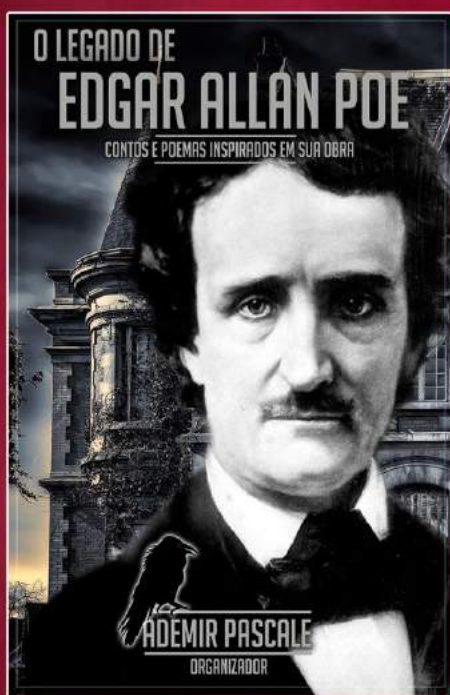
chamar em noites de solidão... Descobriu duas coisas: ela se chamava Camila e seu perfume era mais inebriante que qualquer flor que ele tivesse cheirado. Extremamente dócil e ingênua, se abriu com Tenório como nunca antes havia feito, talvez pelo fato de que ele fosse um estranho. Disse que estava prometida, mas não gostava muito de seu pretendente, que era autoritário e a tratava mal, mas nada podia fazer porque eram ordens de seus pais e ela deveria obedecer cegamente.... Então o mascate viu que sua presença ali não fora um capricho do destino. Era sua missão resgatar aquela donzela e tratá-la com o máximo respeito e cortesia, não se esquecendo de agradecer a Deus diariamente por tê-la apresentado a ele. Procurou então estabelecer uma rotina, enquanto pensava numa maneira de resolver aquele nó górdio. Vivia de frutas das árvores do sítio, se banhava no rio que atravessava a propriedade, sem se esquecer de fugir à noite dos cachorros. É claro que o seu disfarce não foi perfeito e os trabalhadores da fazenda contavam ao patrão que juravam ter visto o espantalho limpar o suor da testa ou andar casualmente pelas plantações. Quando ouvia essas afirmações, o patrão ficava zangado e achava que eles estavam de fogo. O tempo foi passando, o relacionamento entre o estranho casal foi estreitando e sem perceber eles iam se envolvendo e se apaixonando cada vez mais. As raízes antes fracas agora eram fortes, firmes e profundas. Teriam que resolver essa situação de qualquer maneira. Mesmo que suas vidas dependessem disso. Caso é que o destino deu outra das suas e o noivo doutor chegou pedindo casamento pra ontem. Foi um tiro de bacamarte nas ventas daquele que antes só queria ser tropeiro como o pai. Camila também ficou angustiada porque agora amava Tenório, sem contar que teria que sair de casa. Não teria mais a essência e o sabor do campo. Só a etiqueta e o tédio da capital. Fugir? Seria esta uma opção? Dentro desse contexto, sim. Seu pai nunca aprovaria seu casamento com um mascate. Além do mais, seu dote já tinha sido negociado há tempos com o pai do noivo. O falso espantalho não teve muito tempo para pensar. Sairiam à noite, mas precisavam despistar os cachorros. Teve uma ideia arriscada, mas que poderia dar certo. Entraria sorrateiro pelas portas do fundo da cozinha para roubar alguns quilos de charque da despensa. Foi favorecido pela luz bruxuelante do candeeiro, mas quando estava quase saindo foi surpreendido pela cozinheira, uma negra grande e velha chamada Sinhana Ricarda. Ao ver o mascate com as roupas do espantalho pensou estar vendo uma assombração: soltou um grito e desmaiou. Ele pensou em ajudá-la, mas ouviu o barulho de passos se aproximando e saiu correndo. Seu Técio viu um vulto correndo no escuro com um punhado de carne e pegou sua espingarda e um lampião. Caçaria o meliante nem que

isso durasse a noite toda. A situação não tinha como ficar mais preta, especialmente à noite! O fazendeiro revirou o sítio atrás do cretino até que encontrou um vulto sentado no galho alto de uma mangueira com um punhado de carne no colo. Mirou e acertou no infeliz que caiu duro no chão como um saco de batatas. Os cachorros avançaram na carcaça e fizeram a festa com a carne roubada que agora se encontrava espalhada no chão. Seu Técio se aproximou para dar uma olhada no rosto daquele que o ousava desafiar. Era o espantalho! Enquanto tentava entender o que tinha acontecido ouviu um barulho ao longe. Era uma cerca que caía e agora libertava dois amantes que fugiam cavalgando em esperanças e sonhos de dias melhores. Aquele velho boneco de palha nunca tinha sido tão útil.





## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**